

A PRODUÇÃO DE ACEROLA NO MUNICÍPIO DE LAGARTO/SE: alcances e impasses.

Elis Regina Silva dos Santos Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem como propósito analisar a produção de acerola da agricultura familiar que está integrada ao sistema do agronegócio. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica sobre o organização do espaço agrário sergipano, da agricultura familiar e do agronegócio; seguido pelo trabalho de campo, dando continuidade com a coleta de dados secundários em órgãos e entidades federais, e estaduais.. O agronegócio desenvolvido no município de Lagarto possui uma singularidade, pois é comandado por indústrias sergipanas que apenas estabelecem a compra da produção por intermediários. Logo, não há um contrato direto com os agricultores da acerola. Além disso, boa parte dos cultivos são produzidos em pequenas propriedades por agricultores familiares que utilizam ainda técnicas arcaicas como a utilização da mão de obra familiar no período da sementeira e da colheita estabelecendo a utilização do trabalhador temporário apenas no período da colheita.

Palavras-chave: Agricultura familiar, Acerola, Agronegócio

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL NO MUNICÍPIO DE LAGARTO/SE

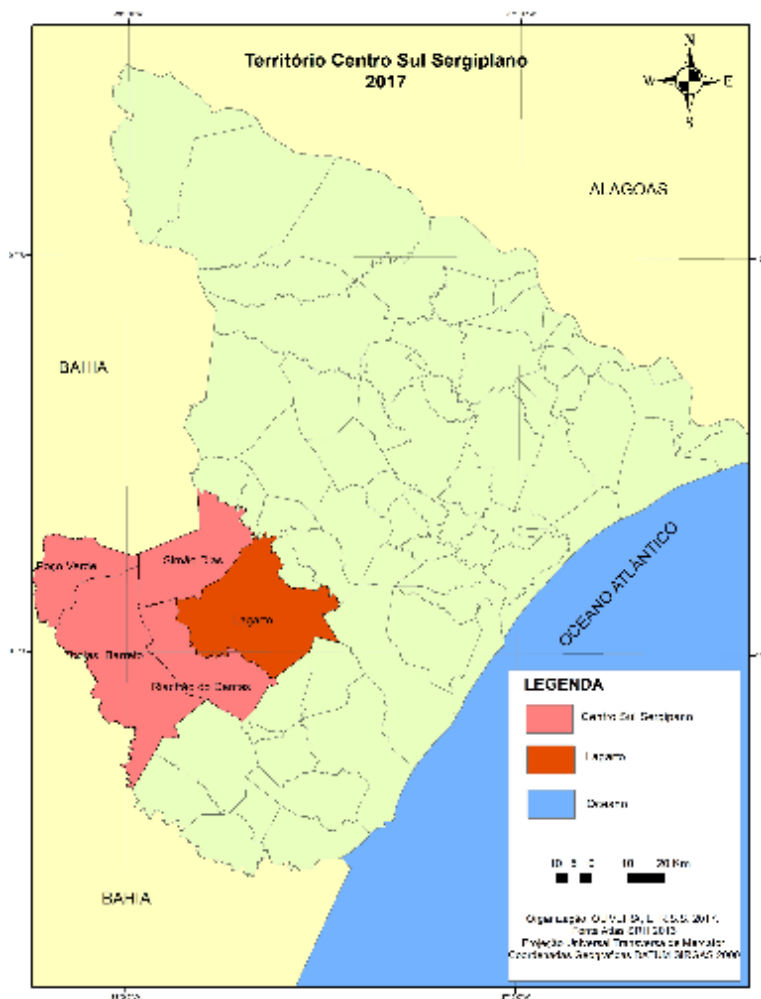
O município de Lagarto/SE situa-se a uma latitude 10°55'02" sul e como uma longitude 37°39'00" oeste, estando em uma altitude de 183 metros. Limita-se ao norte com o município de Macambira, São Domingos e Campo do Brito; ao sul por Boquim e Riachão do Dantas; a leste, por Itaporanga d'Ajuda, Boquim e Salgado e ao oeste, por Simão Dias e Pedra Mole com uma área de 969,573Km².

Lagarto está situada no Território Centro Sul sergipano que é composto por cinco municípios: Riachão dos Dantas, Simão Dias, Poço Verde, Lagarto e Tobias Barreto como mostra a Fig 1. O uso do solo é marcado pela participação das pastagens ocupando mais de 50% da área do território com destaque para o rebanho bovino e o restante é composto pela policultura: laranja, maracujá, abacaxi, abóbora, milho, feijão e mandioca. Além disso, o território é o segundo maior do Estado com uma de área de 3.507 km², o que equivale a 16,13% da área total do estado de Sergipe com uma população de 213.492 habitantes e uma densidade demográfica de 60 hab/km². Contudo, o território apresenta o menor PIB do Estado

¹ Universidade Federal de Sergipe/PPGEO elisreginaoliveir@yahoo.com.br

ficando apenas à frente do Baixo São Francisco e do Médio Sertão. Tendo o município de Lagarto o maior PIB (território Centro Sul sergipano) estabelecendo uma centralidade juntamente com o município de Tobias Barreto em todo o território.

Figura 1: Território Centro Sul Sergipano



Em relação à Aracaju o município de Lagarto possui distância de 78 Km, com mais de 100 povoados dentre eles os mais expressivos são: Colônia Treze, Brasília, Jenipapo e Olhos d'Água, além dos povoados que estão inseridos no perímetro irrigado do Piauí.

De acordo com os dados preliminares do censo demográfico de 2010 o referido município possui uma população total de 94.861 habitantes com uma densidade populacional de 97,84 hab/km². Perfazendo um total de residentes rurais 45.994 habitantes e da zona urbana de 48.867 residentes

Quanto aos aspectos naturais a hidrografia do município é composta pelos rios Vaz-Barris, Piauí, Jacaré, Piauitinga de Cima, Machado e Caiça, pelos riachos Oiti, Pombos, Flexas e Urubutinga. Possuindo uma vegetação típica da região, a mata do agreste constituído por associações vegetais com árvores de folhas perenes com plantas do sertão. Além de um clima semiárido de transição com chuvas em torno de 700 a 900 mm anuais.

De acordo com Santos (2009) os climas subúmidos do agreste favorecem a prática da policultura devido a maior regularidade das estações influenciarem a exploração de lavouras de ciclo curto e possibilita densidades demográficas mais elevadas do que às do sertão. Logo a formação dos solos está mais ligada à ação dos fatores climáticos e geomorfológicos, do que a um condicionante de estruturas geológicas responsáveis por solos pouco produtivos.

Ainda de acordo com Santos (2009) a presença do solo tipo PLANASOL, de textura arenosa, com baixa fertilidade e elevada acidez, dificultou os cultivos agrícolas. Somente, após correção é que foram implantadas na área, novas atividades agrícolas surgiram. Assim a vegetação, encontra-se bastante descaracterizada por causa do uso abusivo do plantio de lavouras e criação de gado.

Na década de 1930, o município de Lagarto retoma seu crescimento econômico principalmente com o cultivo do fumo e da mandioca, cujas práticas se davam a partir do consorciamento de cultivos. Além disso, com a inauguração da Rodovia Lourival Batista na década 1960 possibilitou uma maior acessibilidade ao município gerando um maior dinamismo na região centro sul.

Como bem situa Lopes (2009 p. 129) com suas pesquisas na região centro sul ao afirmar que:

Com o asfaltamento da Rodovia da Rodovia Lourival Batista, que dá acesso a Lagarto, no final da década de 1960, conjugado com a ampliação da área de agricultura e pecuária, o município inicia um ciclo de prosperidade e crescimento. Neste contexto encontra-se o surgimento do povoado Agrícola da Colônia Treze, que nasce com a vocação para a produção de fumo e laranja, produtos voltados para a venda em outras regiões do país.

Para Santos (2009) não fugindo à regra da realidade brasileira que tem seu início de colonização atrelado pelo antagonismo entre a forte concentração de terras e a presença da agricultura camponesa. A má distribuição das terras e o intenso processo de fragmentação dos pequenos estabelecimentos são marcas do município de Lagarto.

Logo, a organização espacial agrária do município se estabelece da seguinte forma:

Na porção oeste, de clima mais seco, predominam os grandes estabelecimentos agrícolas. Na porção leste, do município, de clima mais úmido, estão concentrados os pequenos estabelecimentos agrícolas, as residências ficam mais próximas uma das outras, o povoamento é mais concentrado. Nesse espaço estão localizados os povoados Brejo, Colônia Treze, Santo Antônio, Jenipapo e Brasília. Santos (2009, p.175)

Santos (2009) ainda afirma que as atividades historicamente desenvolvidas no agreste e mais precisamente no município de Lagarto, permitem observar a diversificação produtiva que vai obedecendo às exigências do mercado. Enquanto o externo demandou a cana de açúcar, a pecuária e a policultura atenderam basicamente às necessidades internas do litoral açucareiro. O agreste foi tornando-se então pecuarista, açucareira, algodoeiro e celeiro de cultivos alimentares, um espaço de configuração territorial multifacetado.

Já segundo Andrade (2005) o agreste sergipano torna-se predominantemente agrícola e policultor nos séculos XIX e XX por conta de alguns fatores como melhoria das técnicas agrícolas, elevação da densidade populacional, construção de boas estradas, ligando a região a Aracaju, sem contar com a maior divisão da propriedade o que facilitou a diversificação, tornando a região policultura.

Diante do exposto, verifica-se que o município de Lagarto possui tradicionalmente na porção mais árida do município o desenvolvimento da pecuária e na porção mais úmida o desenvolvimento de vários cultivos em pequenas propriedades com reduzidas inovações mecânicas, químicas e biológicas. Além da utilização da mão de obra familiar nas etapas da agricultura, o que rebate estruturalmente na baixa produtividade do trabalho e na produção. Ocorre apenas a inserção da mão de obra temporária apenas no período da semeadura e da colheita.

POVOADO JENIPAPO: NOVAS PERSPECTIVAS

O povoado Jenipapo localizado na porção leste do município à 18 Km do centro urbano de Lagarto é considerado uns dos povoados mais importantes do referido município.

De acordo com Santos (2009) o povoado tem sua origem vinculada a rota de tropeiros que transportavam cachaça e algodão dos engenhos da região. Nesse local se estabeleceram comerciantes que negociavam esses produtos e prestavam serviços aos tropeiros. Relatos históricos afirmam que escravos fugitivos de usinas da região vinham para o povoado a procura de liberdade. Eles se escondiam numa mata de jenipapeiros, abundantes na região e se

alimentavam de seus frutos. Hoje o povoado apresenta pequeno crescimento e estrutura sócioespacial diversificada.

Segundo as informações retiradas no portal lagartense, mais de 10% da população de Lagarto reside no povoado Jenipapo. Considerado um dos maiores povoados do interior sergipano e um dos mais populosos, tendo mais habitantes que cidades como Pinhão e Pedra Mole. Além de possuir o terceiro maior colégio eleitoral do município com cerca de 5 mil eleitores.

Santos (2009) comenta que a expansão do núcleo ocorreu a partir do loteamento e venda de terrenos pelos comerciantes bem sucedidos da área. As casas estão localizadas em pequenos lotes, dispostos ao longo das estradas. O povoado dispõe de dois conjuntos habitacionais. O deslocamento para sede municipal é realizado em torno de 15 a 25 minutos e depende do tipo de transporte utilizado, podendo ser ônibus, topic ou moto-táxi. Os problemas de violência e marginalidade do município e o predomínio da população jovem estão associados às carências sócioeconômicas.

Ainda segundo a autora (2009) a estrutura socioespacial é ampla, apresenta um variado número de serviços e comércio, além da feira livre aos domingos. O abastecimento de água em grande parte é fornecido pela rede pública, apenas uma minoria das casas consome água de poço ou nascente. Já o sistema de esgotamento sanitário beneficia somente 6,5% das residências.

Verifica-se que o povoado estudado apresenta novas configurações espaciais a partir da lógica do capital que transforma tudo em mercadoria, introduzindo novos ritmos e valores nesses espaços, ou seja, o capital subordina os agentes sociais visando extrair toda a riqueza, logo estabelecendo uma relação de subsunção da agricultura perante o capital. Porém mesmo com essa subordinação, os agentes sociais estão satisfeito com essa nova realidade. A partir da inserção da indústria nas aglomerações rurais, mesmo ocorrendo uma relação contraditória, está ocorrendo um maior dinamismo e geração de renda nas localidades.

O IBGE não possui dados oficiais sobre a produção da acerola, nesses últimos anos no município de Lagarto vem crescendo o número de pequenos agricultores que se dedicam a esse cultivo em substituição a outros, principalmente, ao fumo segundo as informações extraídas das entrevistas no dia 15 de julho de 2010. Com os produtores da acerola verifica-se a venda direta para os intermediários que repassam para os conglomerados. Isso vem incentivando os pequenos agricultores no processo de substituição do velho cultivo pelo novo.

Ainda de acordo como dados obtidos na aplicação dos questionários no povoado estudado, há uma satisfação dos agricultores familiares na produção da acerola, o mesmo não ocorre com os cultivos da laranja e do fumo cultivos tradicionalmente ligados ao município.

Outro aspecto interessante é que 80% dos entrevistados possuem outras rendas não oriundas de atividades agrícolas, as atividades mais citadas são: motorista de caminhão, vendedoras de produtos cosméticos e prestadoras de serviços domésticos. Quanto a origem da renda familiar, a pesquisa revelou que 60% da renda são oriundos de aposentarias e da bolsa família (transferências institucionais). No que tange as tarefas agrícolas, 80% dos entrevistados contratam a mão de obra temporária apenas no período da semeadura e colheita afirmam que não alugam nenhum maquinário (Trator). Sendo os chefes da família, os grandes provedores do lidar com a terra, como auxílio dos filhos maiores que ajudam os pais nos horários opostos ao da escola.

Quanto ao grau de escolaridade, boa parte dos entrevistados não possuem o ensino fundamental completo. Porém nota-se que os filhos dos agricultores familiares vão a escola frequentemente devido a Bolsa Família ter como pré-requisito a assiduidade escolar como elemento essencial para o recebimento do benefício.

De acordo com o IBGE de 1996, cerca de 87,3% dos estabelecimentos rurais do município possuem menos de 10 hectares ocupando 14,3% da área agrícola de Lagarto. Além disso, 87% dos estabelecimentos são explorados pelo próprio proprietário e 72,9% deles residem na própria propriedade. Verifica-se que 98,6% são responsáveis pela administração do imóvel.

Os pequenos agricultores reclamam da falta de incentivos financeiros e principalmente ajuda técnica do Estado, as reclamações dos plantadores de pimenta pela falta de orientação técnica. Quanto se refere ao Pronaf B muitos desconheciam e outros tinham medo do endividamento. Além dos valores pagos pela sua produção que são irrisórios perante as despesas financeiras e ao tempo gastos com os cultivos. Os agricultores não possuem incentivo por parte dos grupos capitalistas que atuam na região bem como do Estado, apenas no perímetro irrigado estes citaram o papel do estado como agente gerador de desenvolvimento.

Os relatos dos agricultores que plantam atualmente a acerola contam que no início tiveram uma rejeição, porém o grande elemento motivador para a mudança foram os exemplos de

prosperidades dos que já cultivavam o fruto, sendo os grandes incentivadores para a realização da transição das velhas práticas para esse novo contexto.

Lopes (1996) afirma que a crise na citricultura e a queda nos preços do fumo ao longo das décadas de 1980 e 1990 levaram os agricultores da região a procurar alternativas de sobrevivência. Inicialmente foi incentivado a cultura da acerola nos povoados, com a abertura de uma pequena fábrica de beneficiamento. Depois surgiu a oportunidade de trabalhar com o acabamento de sapatos da fábrica da Azaléia, atualmente a indústria não está mais instaladas no povoado.

Diante do trabalho de campo ficou claro que a cultura da acerola é produzida por pequenos agricultores com ajuda da família ocorrendo a contratação de mão de obra temporária apenas no período da colheita, na maioria dos casos, mulheres que catam a acerola. Alguns agricultores reclamaram da falta de mão de obra na época de pico da colheita, pois muitas mulheres são funcionárias na fábrica da Azaléia. A comercialização do produto no povoado Jenipapo é feita por intermediários que atuam na região, comprando toda a produção, repassando para as indústrias de sucos localizados nos estados de Pernambuco e Sergipe (Grupo Maratá).

A hegemonia do grupo Maratá é algo visível nas entrevistas com os intermediários que atuam no município, verifica-se que boa parte da produção da acerola do povoado Jenipapo tinha como destino final a indústria de suco Maratá. A indústria iniciou suas atividades industriais como o beneficiamento do fumo em saco, produto oriundo do fumo de corda, depois diversificou para café, suco, produção de vinagre, temperos, bebidas, embalagens plásticas e filmes flexíveis.

De origem sergipana o grupo Maratá surge na década de 70 no município de Lagarto quando se dedicava à comercialização de fumo e agropecuária. Atualmente o grupo possui um conglomerado de empresas nas áreas alimentícias e de embalagens. Sendo a terceira maior do país na industrialização do café, com a maior torrefadora de capital 100% nacional.

Em 2000 o grupo adquiriu uma tradicional fábrica de sucos no município de Estância à antiga Frutene. A indústria do Maratá sucos do nordeste Ltda. Possui uma infra-estrutura com 25 extratoras de última geração para a produção de suco concentrado de laranja e uma completa e moderna linha de processamento de frutas tropicais para produção de sucos de maracujá, abacaxi, acerola, goiaba, manga, urubu, entre outros, tanto concentrados como integrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio desenvolvido no município de Lagarto possui uma singularidade, pois é comandado por indústrias sergipanas que apenas estabelecem a compra da produção por

intermediários, boa parte dos cultivos são produzidos em pequenas propriedades por agricultores familiares que utilizam ainda técnicas arcaicas como a utilização da mão de obra familiar no período da sementeira e da colheita estabelecendo a utilização do trabalhador temporário apenas no período da colheita.

Dentro dessa complexidade, o agronegócio do município de Lagarto é visto como um *agronegócio simplificado*, pois não há uma relação contratual com os agricultores familiares bem como ajuda financeira e nem técnica, apenas a compra da produção pelos intermediários que por sua vez repassam para a indústria.

Pelos dados obtidos na entrevista ao técnico agrícola da EMDAGRO, o grande desafio dos agricultores é a comercialização, pois falta-lhes organização, ficando totalmente entregues nas mãos dos intermediários. O mercado existe, porém estes não possuem o domínio desse comércio, simplesmente pela falta de organização.

Como base no trabalho empírico realizado, entre os anos de 2009 a 2011, foi constatado que a produção agrícola lagartense está totalmente subordinada as maiores unidades beneficiadoras/processadoras da matéria prima fornecida pelos pequenos agricultores, ou ainda aos intermediários/atacadistas, estes por sua vez ditam seus valores e ritmos de produção numa lógica de submissão e subsunção ao grande capital.

Nas últimas décadas o espaço agrário brasileiro passou por grandes transformações e contradições evidenciando características típicas do capitalismo como a concentração fundiária (e de capital), bem como da desigualdade social. Logo, o mundo rural sob a égide do capital transforma tudo em mercadoria, materializada como valor de troca. O que tem gerado impasses e limites, além dos evidentes entraves no tocante a ausência de incentivo como o apoio técnico e financeiro aos pequenos agricultores que estão à montante da cadeia produtiva.

Limites no sentido da reprodução das contradições processadas, numa relação dialética entre o pequeno agricultor, desprovido de recursos tecnológicos, com o domínio das técnicas tradicionais no processo de produção, com uso intensivo de instrumentos como a enxada e a foice; no outro, a existência de “objeto técnico” encarnado pelo capital, com base na alta tecnologia e alta produtividade do trabalho, estabelecendo um processo “desigual e combinado”, claro em favor desse em relação àquele.

Desse modo, o espaço rural brasileiro vem passando constantemente por transformações impondo novos desafios face não apenas a complexidade do real, mas da riqueza empírica.

Logo fica claro que nas últimas três décadas o estudo do agronegócio/agroindústria em Lagarto vem crescendo devido a grande participação de indústrias sergipanas que integram boa parte da produção do município, em especial dos agricultores familiares, introduzindo novos ritmos e novas culturas agrícolas no espaço rural lagartense. Além disso, o município de Lagarto vem transformando o espaço no tocante a produção, comercialização e inserção de novas “ruralidades” na perspectiva de novas práticas agrícolas.

Outro aspecto elencado pela pesquisa é a crescente ascendência de atividade pluriativas, na ocupação da força de trabalho evidenciando que o homem do campo procura a complementação com outras atividades, sejam elas rurais ou não, como forma de sobrevivência deste no campo. Nesse sentido, é válido afirmar que as famílias rurais estão obtendo um ganho financeiro em atividades não-agrícolas, rebatendo no acesso aos bens tipicamente urbanos, melhorando substancialmente suas condições de vida, como a aquisição de bens duráveis, como motocicleta, televisores, geladeiras, telefones celulares, som, etc.

No segmento educacional o município de Lagarto possui destaque na região centro sul, pois conta com uma escola federal que mobiliza estudantes de várias localidades como Simão, Salgado, Boquim, entre outros. Uma faculdade ligada ao grupo Maratá e recentemente a inauguração do Campus Saúde ligado à Universidade Federal de Sergipe. Promovendo ainda mais o dinamismo e geração de renda no município. Em contrapartida também são observados alguns dos sintomas das grandes cidades como o aumento da criminalidade e da violência sendo noticiado muitas vezes com a segunda cidade que apresenta os maiores índices de criminalidade violenta no Estado.

Observa-se que o crescimento de uma cidade não está apenas acrescido de coisas positivas. Ao aplicar os questionários várias vezes houve interrupções por um agente social que indagava se já não estava tarde, pois era perigoso devido ao aumento da violência.

Conclui-se que o agronegócio por “cadeia curta” no município de Lagarto estabelece uma hegemonia e contradição típica do capitalismo que tudo expropria na perspectiva do lucro. Todavia, não é algo novo, vivemos em um mundo capitalista, o que chamamos a atenção é que o agricultor familiar, mesmo desprovido de ferramentas tecnológicas está participante dessa cadeia produtiva. Portanto cabe ao Estado viabilizar formas e meios de

reparar as injustiças sociais no meio rural com propostas políticas para promover o desenvolvimento

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC/UNICAMP.(1992).

ABRAMOVAY, R, MAGALHÃES, R. e SCHRÖDER, M (2005). **A agricultura familiar entre o setor e o território. Relatório de Pesquisa**. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FEA/USP. <http://www.rimisp.ci/seccion.php?seccion=308>,

ALENTEJANO, P. R. **O lugar da agricultura familiar no cenário brasileiro dos anos 90**. Salvador/BA: Caderno do CEAS, 1997.

ALMEIDA, M.G. **Florescimento das cidades. In: “Sergipe Fundamentos de uma economia dependente”**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

ANDRADE, M. C. **Agricultura & Capitalismo**. Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.

DELGADO, N.G; **Agronegócio e agricultura familiar no Brasil: Desafios para a transformação democrática no meio rural**. CONDRAF, 2009. 107

DIEGUES, A.C. **A sócio-etnologia das comunidades de pescadores marítimas no Brasil**. Etnográfico; vol III.

DINIZ, J. A. F. **Os elementos internos da agricultura. In: Geografia da agricultura**. São Paulo: DIPEL, 1984.

SANTOS, C.M. **Ruralidades agrícolas e não agrícolas em Lagarto/SE**, (Tese de Doutorado). Núcleo de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2009.

LOPES, E.A; COSTA, J.E. (Orgs). **Territórios rurais e agricultura familiar no nordeste**. Ed. UFS, 2009, p.103-186.